
Globalização, comunicação e democracia: dos conglomerados ao ativismo de mídia

Daniel Martins de Lima Silva

Jornalista, mestrando do Curso de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

No século XXI, a produção e o consumo de informação acompanharam o ritmo da globalização e hoje, sem muito esforço, podemos saber do que aconteceu a poucos minutos em qualquer parte do planeta. Percebemos, no entanto, que a produção dessa informação, bem como sua circulação, não acontece de forma livre e democrática. Há várias forças em jogo que fazem da comunicação uma ferramenta de manipulação social.

Da mesma forma, existem grupos da sociedade que têm consciência desse processo e não gostam dessa condição de mera vítima da Indústria Cultural, e optam por fazer sua própria mídia, dando voz àqueles que estão excluídos dos meios de comunicação corporativos. Um caso exemplar nesse sentido é o Centro de Mídia Independente (CMI), uma rede de voluntários que produzem informação sobre temas não abordados na grande mídia, que possui abrangência global.

Esse trabalho pretende analisar dentro do processo de globalização a formação do Centro de Mídia Independente, encarando-o como uma resposta direta ao controle da informação por parte dos conglomerados de mídia e das agências internacionais de notícia possibilitada pelas Novas Tecnologias Informacionais de Comunicação.

A comunicação na sociedade globalizada

Ao observar o momento atual da sociedade, levando em consideração os efeitos da globalização na produção de culturas híbridas e principalmente nas Indústrias Culturais, podemos perceber que a comunicação é uma verdadeira força social, capaz de influenciar decisões políticas, determinar a produção econômica através da fábrica de desejos da publicidade, criar mitos de referência cultural reconhecidos globalmente, como Mickey Mouse ou Super-Homem.

A comunicação foi uma das forças emergentes no século XX, e nada faz parecer que ela perderá seu poder nesse começo de século XXI. Fica fácil,

portanto, perceber como uma série de paradigmas que tentam compreender nossa sociedade tem como pontos centrais a comunicação, independente da forma como ela é encarada. Sociedade do espetáculo, aldeia global, sociedade em rede, sociedade do controle, da informação e várias outras maneiras de enxergar o mundo durante o século XX entendem que, boa ou má, a comunicação é parte viva do mundo globalizado.

Um dos trabalhos mais importantes nesse sentido foi o primeiro volume de *A sociedade em rede*, de Manuel Castells (1999). Partindo de uma análise das transformações políticas e econômicas em escala global, o autor pôde perceber que a sociedade se organiza agora em formas relativamente novas se comparadas às estruturas hegemônicas do século XX.

Na economia, ele destacou o surgimento de um novo modo de produção capitalista, o pós-fordismo (ou “toyotismo” para outros). Esse modo de produção se caracteriza principalmente por trazer à tona a importância da produção especializada e customizada para atingir clientes de diferentes interesses. Isso só se tornou possível superando o modelo da linha de montagem fordista, as estruturas rígidas de organização tayloristas e valorizando fábricas altamente robotizadas, informatizadas e unidades de produção interconectadas para uma produção mais eficiente e veloz. Em termos organizacionais, isso só se tornou possível com estruturas em rede capazes de dar conta do dinamismo desse tipo de produção.

Na esfera política, Castells também percebeu uma descentralidade das relações entre as nações com o fim da Guerra Fria. A formação de blocos econômicos revelava também proximidades culturais e políticas entre os países, formando dessa maneira “redes sociais” de nações, todas interconectadas, em última instância, por entidades supranacionais como a ONU ou o Banco Mundial.

Com base nessas análises, o autor espanhol afirmou que a sociedade contemporânea se caracteriza como uma sociedade em rede, um dos paradigmas sociológicos mais em voga atualmente. Castells destaca em seu livro dois pontos especialmente interessantes para este trabalho: em primeiro lugar, ele assume como uma importante causa para a formação dessa sociedade o desenvolvimento de Novas Tecnologias Informativas de Comunicação (NTICs), sem as quais não haveriam meios de articular organizações em rede globalmente; além disso, ele destaca as disparidades no quadro mundial de desenvolvimento econômico e social, mostrando o abismo existente entre países pobres e ricos, ou desenvolvidos, subdesenvolvidos e em desenvolvimento. Se compararmos esses dois dados, não é difícil supor que países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, que possuem menos acesso às NTICs e às demais ferramentas de comunicação estarão sob controle ou, no mínimo, sob forte influência do capital estrangeiro de países mais desenvolvidos, e isso se reflete de uma forma bastante específica na centralidade dos países ricos na produção de informação. Estimativas da década de 1980 (UNESCO, 1980) indicavam que os 15 principais grupos de comunicação pertenciam a apenas 4 países da Europa Ocidental e os EUA.

Jesús Martín-Barbero (2004) faz uma análise desse quadro de desigualdade e revela, na América Latina, certas tendências da globalização econômica em se refletir sobre novos “dispositivos de propriedade” de mídia.

Duas são as tendências mais notórias neste plano. Uma, a conversão dos grandes meios em empresas ou corporações multimídia, seja por desenvolvimento ou fusão dos próprios meios impresso, rádio ou televisão, ou pela absorção dos meios de comunicação por parte de grandes conglomerados econômicos; e a segunda, a desorientação e reconfiguração da propriedade.(1) (MARTÍN-BARBERO, 2004)

Os exemplos usados para fortalecer seu argumento não poderiam ser mais contundentes. Grandes fusões de empresas e formação de conglomerados de comunicação nos EUA já fazem parte do cotidiano. Podemos notá-lo no histórico de consecutivas fusões de empresas de comunicação como a TIME. Sua primeira grande fusão mais recente foi com a Warner (cinema), logo depois comprou o grupo japonês Toshiba (televisores), em seguida a CNN (canal de notícias) e hoje controla a AOL (provedor de internet), tornando assim um dos três grandes conglomerados de mídia do país. Como é natural no processo de globalização, esses conglomerados rapidamente extrapolam as fronteiras nacionais, passam a exportar conteúdo, fundar filiais e fazer acordos com empresas de mídia locais até o momento em que passam a ter poder acionário em diversos países. Esse é o caso da News Corporation Limited (controla as redes de canais FOX, entre vários outros), que pertence a Robert Murdoch. Ela já conta hoje com participação nos dois maiores grupos de comunicação da América Latina, O Globo e Televisa.

Além disso, existem os conglomerados em formação na própria América Latina. Dois bons exemplos são o grupo Clarín, na Argentina, que partiu de um jornal diário e hoje já atua em todos os principais meios; e o grupo Abril, no Brasil, que tem participação em um canal de TV, rádios, várias revistas semanais, sites da internet e até mesmo gravadoras de discos. Há pouco tempo, o grupo Abril era ainda o dono da TV por satélite DIRECTV, mas esta se fundiu com a concorrente SKY, que pertence ao grupo Globo. E não é tudo: o grupo Abril tem acordos com a Disney e é a dona da Mtv Brasil.

Aos poucos, podemos perceber que as conexões entre as empresas de comunicação se mostram muito mais complexas do que aparentam inicialmente, e fica extremamente subjetivo julgar até que ponto isso atinge a qualidade do produto final. A única maneira de garantir que não existam abusos ou violações dos interesses da sociedade seria através de regulamentações e políticas públicas, mas isso está muito longe da realidade.

Os dois relatórios mais importantes da Unesco sobre comunicação e sociedade, o Relatório Macbride (UNESCO, 1980), e o mais recente, intitulado Da Sociedade da Informação para a Sociedade do Conhecimento (UNESCO, 2005), mostram que a falta de regulamentação nos meios de comunicação não é novidade, e tampouco o são as disparidades nos fluxos de informação entre

diferentes países. Extremamente ricos em dados, os dois relatórios mostram que esse quadro não é mera especulação de sociólogos de esquerda, mas uma realidade do mundo globalizado.

Apesar da falta de políticas de comunicação para regulamentar a mídia e dar incentivos capazes de reduzir a diferença entre a produção de mídia nos países menos desenvolvidos, o relatório mais recente mostra um elemento novo no balanço da equação: a emergência da comunicação em rede propiciada pelas NTICs.

Apesar das imensas barreiras ainda existentes ao acesso à informação, como o analfabetismo, por meio de tecnologias como a internet, vem se tornando cada vez mais plausível criar meios para que comunidades pouco favorecidas economicamente possam produzir sua própria mídia fora da esfera das corporações e seus conglomerados, que controlam o mercado criando barreiras para a democratização da comunicação.

Mídia independente

Tradicionalmente, os movimentos sociais são os primeiros a inovar no uso das tecnologias de comunicação mais avançadas e oferecer novas funções para os meios de comunicação em benefício da sociedade. Isso pode ser claramente exemplificado pelos primeiros jornais operários, na Inglaterra e na França, ainda no século XVIII, e no Brasil a imprensa libertária foi muito marcante no início do século XX (FERREIRA, 1978). No caso da internet, o processo não foi diferente.

A partir da década de 1980, a sociedade civil (ou terceiro setor) passou a se organizar em ONGs e associações para reivindicar uma série de direitos que eram deixados de lado por conta de interesses comerciais. Esses movimentos, inicialmente, eram voltados para causas específicas, como preservação do meio ambiente, questões de gênero e direitos da mulher, direitos raciais, educação ou preservação de culturas minoritárias (KIDD, 2004).

Após uma década de crescimento, esses diversos movimentos já estavam maduros o suficiente para ter sua voz na sociedade, mas como em grande parte dos casos iam contra os interesses dos que controlavam os principais meios de comunicação, eram deixados de fora da mídia, com exceção a eventos mais “pirotécnicos”, como as ações perigosas do Greenpeace para proteger as baleias.

Isso estava muito aquém do que esses grupos tinham para dizer e, quando a internet despontou no cenário dos meios de comunicação, em meados da década de 1990, estes grupos foram os que mais rapidamente souberam aproveitar o baixo custo de produção e o imenso alcance de público de um site.

O primeiro grande evento que marcou o uso da internet pelos movimentos sociais aconteceu na região de Chiapas, no México, em 1994. Os guerrilheiros do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), cercados nas montanhas pelo exército mexicano estavam prestes a serem

massacrados, e fizeram um pedido de socorro via internet e correntes de e-mail. A sociedade civil organizada internacional rapidamente veio a seu socorro, e conseguiu impedir o massacre dos guerrilheiros e índios que viviam na região, e posteriormente estruturou uma complexa rede de apoio e fornecimento de recursos que garantiu a sobrevivência do EZLN em longo prazo. Neste caso, a comunicação foi a arma mais eficiente, e garantiu que a resistência pudesse durar firme até hoje. (MORRIS, 2003)

A partir desse momento, a comunicação passou a ser vista como uma ferramenta fundamental para os movimentos sociais. As mudanças no contexto sócio-político global, com a queda do muro de Berlim e o fim da guerra fria, favoreceram esses movimentos de forma inesperada: a hegemonia do sistema capitalista global regido pela doutrina neoliberal se mostrou um inimigo em comum para a sociedade civil global que atuava sem muita articulação até aquele momento. A partir da determinação de um elemento consensualmente antagonista, os movimentos sociais superaram as diferenças ideológicas que os separavam e passaram a se articular cada vez mais, na forma de redes de ativismo.

Esses movimentos convergiram, em 1999, nas manifestações em Seattle durante a reunião da OMC. Organizadas majoritariamente pela DAN (Direct Action Network), elas mostraram ao mundo a capacidade de mobilização de grupos pequenos organizados em rede, com o uso de NTCs e da Comunicação Mediada por Computadores (CMC). (KIDD, 2004, MORRIS, 2003 e HALLECK, 2002)

Apesar disso, talvez a chamada batalha de Seattle não tivesse o mesmo impacto se não houvesse, durante as manifestações, um grupo de ativistas que se especializaram em fazer uma cobertura jornalística das manifestações sem esperar a boa vontade das mídias convencionais.

Poucos meses antes das reuniões da OMC, alguns grupos de ativistas reuniram doações, montaram uma sala de redação munida de computadores, uma conexão com a internet e muitos voluntários para produzir conteúdo em texto, áudio e vídeo. Quando as manifestações começaram, o site Indymedia (www.indymedia.org) estava pronto para garantir informações atualizadas e independentes sobre as manifestações.

Rapidamente, sua sala de redação se tornou um dos nós centrais da rede de ativistas em cena, e transformando-se no repositório de informações mais atualizado e com mais credibilidade sobre as manifestações. O contador de acesso mostrava milhares de visitas por dia e o conteúdo produzido pelos voluntários foi usado como referência até mesmo pelas mídias corporativas para cobrir o evento. Os ativistas surpreenderam até a si mesmos: “[...] a mobilização de massa de dezenas de milhares nas ruas de Seattle, e centenas de milhares nas ruas de Gênova”² (LOVINK & SCHNEIDER, 2003) em 2001.

Estes movimentos mostravam a importância das mídias independentes. A partir dessas manifestações, a apropriação dos meios de produção de mídia se tornou uma importante tática dos movimentos sociais, dando destaque

para a noção de mídia tática, pensada pelo ativista Geert Lovink, dentro da Internet. A intenção das mídias táticas é “intervir na cultura de massa’ sem dever necessariamente se comprometer com o sistema”(3) (LOVINK & SCHNEIDER, 2003), ou seja, elas procuram explorar o potencial criativo e independente que as NTICs possibilitam e que, em função de uma lógica de mercado, é usado pelas corporações de mídia como dispositivo de controle. É importante lembrar que as mídias táticas não se restringem a organizações de produções alternativas, desejosas em fazer uma ruptura com o sistema, e sim se constituem como uma proposta voltada para a intervenção nas mídias convencionais, abarcando uma série de manifestações independentes e sem restrições de gênero (intelectual, jornalístico, artístico, experimental etc, até mesmo *off-line*, como teatro de rua).

Após as manifestações de Seattle, o Indymedia evoluiu para a formação de uma rede de ativistas que pretendiam produzir mídias táticas em todo o mundo, tendo como meta enfrentar barreiras na comunicação como as exibidas pelos relatórios da Unesco. Formou-se assim uma ampla rede mundial de jornalistas independentes, sob a sigla do Centro de Mídia Independente (CMI). Atualmente, ele já conta com mais de cinco mil voluntários, trabalhando para cerca de 200 coletivos em mais de 50 países nos cinco continentes, e o CMI-Brasil é um dos mais atuantes. (cf.: KIDD, 2004)

Conclusão

É grande o poder simbólico que envolve a mídia, capaz de transformações na estrutura da sociedade . É capaz também de formar cidadãos conscientes sobre o mundo em que vivem e as formas possíveis de torná-lo um lugar melhor para todos.

A recapitulação neste texto sobre a concentração dos meios de comunicação em escala mundial teve o sentido de lembrar que muitas vezes o poder simbólico detido pela mídia não está sendo utilizado. Também existem pessoas que se dedicam a tentar otimizar o uso dos meios de comunicação de maneira a socializar o conhecimento e defender os interesses de camadas menos privilegiadas da população mundial – e hoje a internet é o meio mais eficaz para tanto.

O Centro de Mídia Independente é um exemplo do possível na comunicação democratizada em escala global. Seus críticos atacam a parcialidade a favor dos movimentos sociais e a falta de profissionalismo e o excesso de experimentalismo na produção. Se o ativismo na mídia é uma resposta para democratizar a comunicação ainda é uma incógnita, porque depende da superação de dificuldades como a dos países da maior parte da África subsaariana, que chegam a atingir índices acima de 50% de analfabetismo em adultos, em condições de vida indigentes e guerras civis constantes.

Essas condições indicam a propriedade de retomar as discussões levantadas pelo relatório de Sean MacBride, em especial sobre políticas de comunicação eficazes que reduzam a concentração dos meios de comunicação,

combatam a censura velada dos interesses comerciais das corporações de mídia e ofereçam a oportunidade de que as muitas vozes do mundo sejam ouvidas sem discriminação.

Referências Bibliográficas

BAGDIKIAN, Ben H. *The New Media Monopoly*. Boston: Beacow Press, 2004.

BARBROOK, R. *Cibercomunismo: como os americanos estão superando o capitalismo no ciberespaço*. Texto disponível em: www.cybercomunismo.com, acesso em 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1999;

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2003.

----- . *A sociedade em rede, vol 1*. São Paulo: ed. Paz e Terra, 1999.

FERREIRA, Maria Nazaré. *A imprensa operária no Brasil – 1880-1920*. Petrópolis: Vozes, 1978.

HALLECK, Dee Dee. *Hand-Held Visions*. New York: Fordham University Press, 2002.

IANNI, Octavio. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

JOHNSON, Steve. *Emergência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2003.

KIDD, Dorothy. *Carnival to Commons*. In: YUEN, Eddie, ROSE, Daniel Burton & KATSIAFICAS, George (orgs.) *Confronting Capitalism: Dispatches from a Global Movement*. New York: Softskull Press, 2004.

LOVINK, G. & SCHNEIDER, F. *Un monde virtuel est possible*. Texto disponível em: www.multitudes.net, acesso em 2003;

----- & ----- . *Notes on the state of networking*. Texto disponível em: <www.makeworlds.org>, acesso em 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Medios y culturas en el espacio latinoamericano*. In: *Pensar Iberoamérica* n° 5, janeiro-abril 2004.

MORRIS, Douglas. *Globalization and Media Democracy: The Case of Indymedia*. In: SCHULER, Douglas & DAY, Peter (orgs.), *Shaping the Network Society*. MIT Press, 2003.

NEGRI, Antonio & HARTDT, Michael. *Império*. ed. Record, São Paulo, 2001.

----- & ----- . *Globalização e Democracia*. In: PACHECO, A. & VAZ, P. (org). *Vozes do Milênio*. RJ: Museu da República, 2002. p. 15 a 33.

UNESCO (The MacBride Report). *Many voices, one world. Towards a new,*

more just and more efficient world information and communication order.
London: Kogan Page, 1980.

UNESCO World Report. *From the information society to knowledge societies.*
Paris: UNESCO, 2005.

Notas

1 Tradução livre do texto original: “Dos son las tendencias más notorias en este plano. Una, la conversión de los grandes medios en empresas o corporaciones multimedia, ya sea por desarrollo o fusión de los propios medios de prensa, radio o televisión, o por la absorción de los medios de comunicación de la parte de grandes conglomerados económicos; y dos, la desubicación y reconfiguraciones de la propiedad.”

2 Tradução livre do original em francês: [...] la mobilisation de masse à des dizaines de milliers dans les rues de Seattle, des centaines de milliers dans les rues de Genes.”

3 Tradução livre do original em francês: « [...] intervenir dans la ‘culture de masse’ sans devoir necessairement se compromettre avec le ‘système’ ».